

ANABELA FERNANDES

(CEIS20, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Língua, Pertença e Identidade na Diáspora Sefardita Portuguesa:
um estudo exploratório

*Language, Belonging and Identity within Portuguese Sephardic Diaspora:
an exploratory research*



Língua, Pertença e Identidade na Diáspora Sefardita Portuguesa: um estudo exploratório

Language, Belonging and Identity within Portuguese Sephardic Diaspora: an exploratory research

ANABELA FERNANDES¹

(CEIS20, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Resumo: A diáspora sefardita portuguesa, nos séculos XVI e XVII, estendeu-se por várias cidades portuárias europeias, entre as quais Amsterdão, Hamburgo, Livorno, Bordéus, Baiona e Londres. No domínio da identidade e pertença (memória de origem) da diáspora sefardita portuguesa, são escassos os estudos sobre práticas discursivas enquanto materialização da herança cultural. Justificar-se-ia, pois, um estudo sobre o património plurilingue e intercultural destas comunidades, criando-se um espaço de reflexão e atuação no âmbito da reconfiguração de identidades da diáspora sefardita portuguesa, em particular, e de diásporas, em geral. A reflexão apresentada contempla tópicos que constituem áreas críticas na análise de práticas discursivas identitárias, condicionadas por encontros diaspóricos.

Palavras-chave: língua de herança; pertença; reconfiguração de identidade; diáspora sefardita portuguesa.

Abstract: The Portuguese Sephardic Diaspora, in the Early Modern period, reached several European port cities, including Amsterdam, Hamburg, Leghorn, Bordeaux and London. There are few studies, in the domain of the identity and memory of the Portuguese Sephardic community, on aspects of language as a materialization of cultural practices. This realization justifies a study of the plurilingual and intercultural heritage of these communities, aiming to create a space for reflection and action within the symbolic representation of Portuguese language and culture for descendants of Portuguese Sephardic Jews.

Keywords: heritage language; belonging, identity's reconfiguration; Portuguese Sephardic diaspora.

¹ anabelasf@fl.uc.pt, <https://orcid.org/0000-0001-5468-2826>.

Introdução

O presente texto expõe reflexões iniciais de um trabalho que visa compreender de que modo a expressão da língua portuguesa na diáspora sefardita, caracterizada pelo plurilinguismo² e pelo diálogo intercultural, foi preservada na representação simbólica da identidade e subsiste em contextos determinados no tempo e no espaço. Partindo da materialidade linguística das práticas culturais, exploram-se outras dimensões que requerem múltiplos pontos de observação, e onde a mobilização de bases conceituais de diversas áreas científicas — História, Sociologia, Linguística, Antropologia e Estudos Culturais — é justificada pelo objetivo de adotar uma perspectiva global e integradora.

Em 2013, o parlamento português aprovou uma lei que permitiria ao governo a concessão da nacionalidade portuguesa, por naturalização, aos descendentes de judeus sefarditas portugueses. A reflexão exploratória que se expõe neste texto parte do Decreto-Lei n.º 30-A/2015, de 27 de fevereiro, relativo ao procedimento para a aquisição da nacionalidade portuguesa. Segundo o Decreto-Lei, para efeitos de demonstração da tradição de pertença a uma comunidade sefardita de origem portuguesa, será necessário apresentar um certificado emitido por uma comunidade judaica com estatuto de pessoa coletiva religiosa radicada em Portugal que ateste, entre outros aspetos, o idioma familiar ou o uso de expressões em português em ritos judaicos ou do ladino como língua falada por si no seio dessa comunidade, conforme é referido nas alíneas c) do n.º 3 e a) do n.º 5 do Artigo 24.º-A:

Certificado de comunidade judaica com estatuto de pessoa coletiva religiosa, radicada em Portugal, nos termos da lei, à data de entrada em vigor do presente artigo, que ateste a tradição de pertença a uma comunidade sefardita de origem portuguesa, materializada, designadamente, no apelido do requerente, no idioma familiar, na genealogia e na memória familiar. (alínea c) do n.º 3 do Artigo 24.º-A)

² O termo 'plurilinguismo' é relativo à competência de falantes de várias línguas (KEMP, 2009), diferenciando-se da noção de 'multilinguismo' que caracteriza um espaço societal com a presença de várias línguas: BEACCO & BYRAM (2007).

Documento autenticado, emitido pela comunidade judaica a que o requerente pertença, que ateste o uso pelo mesmo de expressões em português em ritos judaicos ou, como língua falada por si no seio dessa comunidade, do ladino.
(alínea a do n.º 5 do Artigo 24.º-A)

É no quadro destas premissas que o desenvolvimento temático do eixo ‘língua-pertença-identidade’ na diáspora sefardita portuguesa, apresentado neste artigo, radica na interseção de dois tempos distintos: o período da Idade Moderna e a atualidade. Numa primeira fase, é necessário mapear fluxos e identificar os lugares transitórios, revendo conceitos como ‘língua de herança’, ‘identidade compósita’ e a ‘desterritorialização’, considerando que a materialidade cultural e linguística pertence sempre a um lugar, real ou imaginado. Numa segunda fase, o trabalho a desenvolver centrar-se-á na análise de casos em profundidade: comunidades, conjuntos de famílias ou famílias.

Agregando os estudos já realizados, são focados neste artigo tópicos que ocupam um lugar central na abordagem de uma realidade linguística que se quer compreender, revisitando Vergílio Ferreira:

A palavra cria o mundo que a criou a ela. Nas múltiplas relações a estabelecer com o mundo, a determinante está na escolha que do mundo fez quem estabeleceu uma relação. E é porque a relação varia, que varia o que na palavra a diz. Traçados os limites do que o homem escolheu para essa relação, o homem criou o mundo nessa limitação pelo simples facto de o recriar. (...) O mundo é uma proposta muda para que falada exista³.

1. Diáspora: rede de relações interpessoais e de artefactos

Na conceção da relação entre a diáspora e o centro, considerado como ‘a origem’, figuram duas linhas de pensamento: (i) para uns, não existe diáspora sem a referência a um centro, seja nocional seja real; (ii) para outros, a diáspora torna-se autónoma e existe com ou sem referência a um centro⁴. Na verdade, as duas perspetivas interligam-se, uma vez que a diáspora poderá estar autónoma, do ponto de vista económico e político, e eventualmente dependente no que diz respeito às dimensões religiosa, cultural e social. Neste

³ FERREIRA (1994) 311.

⁴ COHEN (1997); DUFOIX (2008); SHEFFER (2003).

artigo, reconhece-se uma ligação entre a diáspora e a origem, especialmente afetiva e simbólica, sem a qual a memória histórica estaria perdida ou deixaria de ter um lugar na socialização e no processo de construção de identidade entre gerações.

No que diz respeito a esta representação simbólica, as comunidades sefarditas dos países da Europa ocidental apresentam peculiaridades que cabem nesta configuração. Esta diáspora sefardita foi formada pelos cristãos-novos oriundos de Portugal e Espanha que saíram da Península Ibérica nos séculos XVI e XVII para poder seguir o culto religioso judaico em lugares como Amesterdão, Hamburgo, Livorno ou Londres. Na formação destas comunidades que recebiam temporária ou definitivamente convertidos judaizantes espanhóis ou portugueses fugidos da perseguição da Inquisição era frequente a itinerância de uma comunidade para outra. Quer isto dizer que é possível identificar comunidades judaicas consolidadas como é o caso de Amesterdão, Baiona ou Londres ou congregações efémeras como, por exemplo, em Antuérpia, em Altona ou Glückstadt. Paralelamente, no contexto italiano, já existiam comunidades judaicas antes da chegada das pessoas oriundas da Península Ibérica; não obstante, em Ferrara e Livorno, o núcleo das comunidades sefarditas ocidentais é constituído, essencialmente, por portugueses e espanhóis⁵.

O exercício do culto religioso constitui o ponto de referência destas comunidades cuja prática assenta na leitura de textos. Dado que a Inquisição perseguia a posse de livros em hebraico, a leitura de textos cristãos com citações bíblicas supria a ausência de textos em hebraico em bibliotecas privadas de judeus de Amesterdão ou de Hamburgo⁶, sendo o papel de guias espirituais das comunidades de 'judeus-novos' exercido por leigos no seio familiar. Nesse cenário, como afirma Yosef Kaplan, os cristãos-novos tiveram de aprender a ser judeus a fim de reconstruírem a comunidade judaica:

Para la mayoría de estos «judíos nuevos», la primera comunidad judía que conocieron fue la que ellos mismos habían creado. Aunque fueron asistidos por rabinos que venían de los centros sefardíes del imperio otomano y de comunidades italianas y norafricanas, la principal tarea de reconstruir una comunidad judía recayó sobre sus propios hombros⁷.

⁵ DÍAZ-MAS (2017).

⁶ DEN BOER (1996) 39-41; STUEMUND-HALÉVY (2003).

⁷ KAPLAN (1996) 26.

Devido ao desconhecimento da língua hebraica, foi necessário recorrer à impressão e importação de livros em português, espanhol e judeoespanhol⁸, sendo a produção de livros assegurada pelas tipografias de Ferrara, Livorno, Veneza e de Salonica. Mas, a partir do século xvii, as comunidades de Hamburgo e, sobretudo, de Amesterdão apresentam uma produção editorial significativa.⁹

Na referência às redes comerciais, familiares e religiosas dos ‘judeus-novos’ entre várias cidades, Kaplan assinala o modo como se revelaram precursoras na modernização e secularização da sociedade judaica europeia:

Por su mentalidad, sus vínculos con el mundo gentil y su asidero en la cultura europea se puede considerar al sefardismo occidental, y en especial a su centro neurálgico en Amsterdam, como precursor de la modernización y secularización de la sociedad judía europea. Y, como precursores, fueron también los primeros en sentir los embates de la asimilación que tanto afectaron al judaísmo en su intrincado pasaje a la modernidad¹⁰.

A par da descrição das redes interpessoais, sublinhe-se a dinâmica da atividade humana através da presença de objetos que evocam representações sociais e espaços emocionais, como refere Bill Brown¹¹: “As they circulate through our lives, we look through objects (to see what they disclose about history, society, nature, or culture — above all, what they disclose about us), but we only catch a glimpse of things.” Assim, numa primeira abordagem, evidenciando a importância que esses objetos adquirem no uso da língua em áreas como a família, a saúde, as finanças, a educação e, mais recentemente, na obtenção de cidadania portuguesa, é possível identificar objetos que se assumem (i) como parte da sobrevivência, (ii) como parte da memória ou (iii) como parte da imposição de regras e de hábitos, resultante da reorganização de vidas pautada pela desterritorialização¹². À biografia das pessoas em diáspora associam-se os objetos que, em si mesmos, trazem a origem da sua

⁸ Destaco o apurado estudo de Aldina QUINTANA (2006), *Geografía lingüística del Judeoespañol: estudio sincrónico y diacrónico*. Berna, Peter Lang.

⁹ STUEMUND-HALÉVY (2009).

¹⁰ KAPLAN (1996) 19.

¹¹ BROWN (2001) 4.

¹² FERNANDES, A., KEATING, C. & SOLOVOVA, O. (2016), “Objetos-em-ação em práticas linguísticas e culturais”, comunicação apresentada na mesa-redonda Línguas e mobilidades/Mobilidades linguísticas, Universidade do Algarve, 18 de novembro de 2016.

manufatura e as práticas em que adquiriram sentido. Quer as pessoas quer os objetos não apresentam a trajetória de um lugar para outro — trata-se, sim, de uma rede entre lugares que reconfiguram identidades.

A análise das redes de interação nas comunidades em diáspora, no contexto atual, passa por observar o efeito das tecnologias de comunicação e informação nas práticas comunicativas quotidianas¹³, onde a identidade e as fronteiras são continuamente construídas, discutidas e reimaginadas¹⁴. Também neste universo importa compreender de que modo a negociação de identidades se relaciona com estes contextos multilingues *online*¹⁵.

O processo relacional subjacente à ‘identidade’ é perspetivado por Jan Blommaert como “particular forms of semiotic potential, organized in a repertoire”¹⁶ que permitem quer o acesso a recursos semióticos quer a perceção da organização social e respetivas relações de poder, podendo, assim, revelar uma *performance* situada de negociação de identidade(s) em diversos contextos digitais e não digitais.

2. Português: uma língua de herança

Se se retomar um dos requisitos para a atribuição da nacionalidade portuguesa na legislação *supra* mencionada, sobre o uso de expressões do português em contexto familiar ou religioso, a situação dos descendentes de judeus sefarditas portugueses poderá ser enquadrada no universo do conceito de ‘língua de herança’.

O termo ‘língua de herança’ tem sido predominante na bibliografia centrada no bilinguismo para “identificar a língua não dominante num

¹³ CASTELLS (1996, 1997)

¹⁴ MANDAVILLE (2003).

¹⁵ PAVLENKO & BLACKRIDGE (2004).

¹⁶ BLOMMAERT (2005) 207. Cf. ABDALLAH-PRETCEILLE (1996) 117-118: “Les individus échangent du sens et non pas seulement des signes. Les messages n’ont pas comme seule fonction l’information, d’autres enjeux, d’autres rapports se jouent. Il est même rare, selon Bourdieu (1982), que l’information soit le but ultime de l’échange linguistique, et la recherche de profit symbolique justifie souvent la communication. (...) Dans le domaine culturel comme dans celui du linguistique, celui qui est sûr de son identité culturelle peut jouer avec la règle du jeu culturel. Les indices linguistiques et culturels, les représentations mutuelles deviennent alors des symptômes d’une relation et porteurs d’enjeux qu’il convient d’apprendre à décoder.”

determinado contexto social”¹⁷. Jim Cummins¹⁸ explica que o termo foi comumente usado no Canadá, nas décadas de 70 e 80, como alusão à língua dos imigrantes. Outras designações sinónimas, descritas por este autor, que se podem encontrar são: ‘língua de origem’, ‘língua étnica’, ‘língua de comunidade’, ‘outras línguas que não o Inglês’, ‘língua materna’, ‘língua ancestral’, ‘língua de casa’ ou ‘língua de minoria imigrante’¹⁹. Na década de 90, no Canadá, observou-se a transição do termo ‘língua de herança’ para ‘língua internacional’. Como Jim Cummins²⁰ esclarece, enquanto a palavra ‘herança’ foi mal entendida como referindo-se à aprendizagem das tradições passadas e não à aquisição de competências linguísticas relevantes para o desenvolvimento geral (educativo e pessoal) das gerações mais jovens, o adjetivo ‘internacional’, por sua vez, pretendia destacar a importância das línguas, no contexto da globalização, como instrumentos relevantes para as relações comerciais e culturais que, além do legado cultural, continham também um valor económico.

A este respeito, no artigo “Heritage languages: in the ‘wild’ and in the classroom”, Polinsky e Kagan²¹ distinguem dois perfis de falantes: por um lado, (i) os que têm uma ligação cultural e familiar com a língua de herança sem capacidade de a usar e, por outro, (ii) os que adquiriram a língua, mas não a aprenderam (tomaram a consciência ou estiveram expostos a um contexto de ensino formal da língua) antes de mudarem para a língua dominante. O primeiro perfil corresponderá a descendentes cujas famílias chegaram há mais tempo ao país de acolhimento e o segundo ao de uma geração recém-chegada.

A abundância de designações para especificar o estatuto da língua dos imigrantes, referida anteriormente, reflete a política de línguas do país de acolhimento, que varia no tempo e de país para país. Numa perspetiva agregadora, Jan Blommaert²² valoriza os ‘bits of language’ de que o sujeito falante dispõe para comunicar em contextos que combinam diversidades linguísti-

¹⁷ KELLEHER (2010) 1.

¹⁸ CUMMINS (2014).

¹⁹ CUMMINS (2014).

²⁰ CUMMINS (2014) 2.

²¹ POLINSKY & KAGAN (2007).

²² BLOMMAERT (2010) 103.

cas e culturais, refutando o valor negativo atribuído ao conhecimento parcial de uma língua. Para este autor, a(s) língua(s) de cada sujeito falante é (são) um dado biográfico em que estão plasmadas as próprias histórias das comunidades linguísticas em que tem vivido.

A esta valoração da biografia linguística plural, heterogénea, resultante do dinamismo dos espaços privado e social²³, acresce a perspetiva de Lynch²⁴ que remete para a importância da compreensão do que é efetivamente relevante para o falante de uma língua de herança e não tanto para a aferição da amplitude de conhecimento da língua. Esta leitura reivindica a indissociabilidade entre língua e a prática social humana que, na sua dimensão simbólica, estrutura a identidade pessoal e social dos falantes. Mesmo quando deixa de fazer parte da comunicação familiar, a língua continua a ter um papel crucial como elemento identitário da tradição cultural da família e da comunidade: “The two, language and culture, change at related but not at identical rates. For a while, languages may preserve terms and expressions appropriate to cultural artifacts and reflecting cultural interests that are no longer available or implemented.”²⁵.

Ainda assim, a associação entre língua e cultura não é isomórfica, pelo que a identidade cultural ou a herança, o legado, poderá permanecer no tempo, mesmo que os membros de uma comunidade não falem a língua da nacionalidade que os caracteriza. Nesta linha, poder-se-á reconhecer alguma proximidade do contexto dos descendentes de judeus sefarditas portugueses relativamente à ligação afetiva à língua e a memória das vivências em contexto familiar, configuradas no léxico, considerando que o armazenamento e memorização de itens lexicais se organiza com base em sequências lexicalizadas²⁶, reconhecidas como parte das interações sociais de uma comunidade²⁷. Ou seja, é possível identificar nestas comunidades o valor simbólico e representativo da língua de herança descrito por Jim Cummins²⁸.

²³ COSTE, MOORE & ZARATE (2009).

²⁴ LYNCH (2014) 226.

²⁵ FISHMAN (1991) 21.

²⁶ PAWLEY & SYDER (1983).

²⁷ NATTINGER & DECARRICO (1992).

²⁸ CUMMINS (1983).

De acordo com Mendes dos Remédios²⁹, que descreve a Sinagoga em Amesterdão como núcleo onde os judeus expulsos de Portugal “conversavam saudosamente lembranças da pátria que os não quisera no seu seio, não esquecendo nunca a língua que no berço haviam aprendido”³⁰, os trabalhos em língua portuguesa de autores de origem judaica portuguesa contribuíram para a difusão da arte da imprensa, sublinhando a sua qualidade: “alguns dos quaes, embora poucos, verdade seja, a manejaram com pureza e até mesmo com elegancia”³¹.

Apesar de a comunidade sefardita de Amesterdão ter sido constituída por cidadãos portugueses e espanhóis, segundo Kerkhof³², o português era a língua dos primeiros cristãos-novos, cripto-judeus e judeus que chegaram àquela cidade no início do século xvii, constituindo a comunidade ibérico-judaica da Nação Portuguesa. Contudo, tendo como cultura de base a herança judaica e hispânica³³, as práticas discursivas plurilingues contam com a presença das línguas espanhola e portuguesa, observadas em diferentes domínios:

*They continued to write in Spanish and Portuguese, and they took note of every new creative development in the Iberian culture of their time. They collected the best works of Spanish and Portuguese theological thought in their impressive libraries, the literary academies that they established were a perfect copy of the Hispanic academies of their time, and the theater that they fostered until the early eighteenth century remained Spanish in content and form*³⁴.

²⁹ MENDES DOS REMÉDIOS (1911).

³⁰ MENDES DOS REMÉDIOS (1911) 3.

³¹ MENDES DOS REMÉDIOS (1911) 57 — documentos dados como exemplo do uso do português são (i) uma participação de casamento (*ibidem*: 173), (ii) avisos e resoluções da comunidade (*ibidem*: 175), (iii) livro para o ensino de Português *Lições de Leitura Portuguesa para uso da escola dos pobres dos Israelitas Portuguezes em Amesterdam* e *Grammatica da Infancia dedicada aos Professores da Instrução Primária* de J.C. Fernandes Pinheiro, sendo o mais procurado (iv) o de Abraham Meldola, *Nova Grammatica Portugueza dividida em vi partes*. Termina, porém, com a seguinte afirmação “O português é, entre os descendentes dos que no século xvi emigraram de Portugal, uma reminiscência histórica. Subsiste principalmente nos nomes das famílias como Mendes da Costa, Teixeira d’Andrade, Henriques Pimentel, Pereira...” (*ibidem*: 179).

³² KERKHOF (2018) XXI.

³³ SWETSCHINSKI (1996); WILKE (1996).

³⁴ KAPLAN (2008) 34.

A diferença entre o português dos recém-chegados e o dos filhos de gerações posteriores é referida por Kerkhof, que regista o cruzamento com palavras de outras línguas como o neerlandês, o castelhano e o francês. Não obstante este fenómeno ser recorrente em comunidades linguísticas minoritárias fora do espaço geográfico de origem, na comunidade de judeus sefarditas de Amesterdão o português era o idioma familiar presente quer na Sinagoga quer na formação escolar e nas instituições até à primeira metade do século XIX³⁵. Com efeito, o português é a língua dos ‘termos’ ou ‘atas’ do Livro dos Acordos, como se pode ver nas construções discursivas introdutórias anotadas por Kerkhof: “Em (data), estando juntos os Senhores do Mahamad...”, ou “Em (data) se juntáraõ os Senhores do Mahamad...”, ou “Considerando os Senhores do Mahamad...”; “Em conformidade (do capítulo x) dos Acordos da Nasão”, ou “Em conformidade da escama x”³⁶.

No artigo “A Biblioteca Ets Haim. Do Livro ao Saber” de Maria Fernanda Matias³⁷, é reconhecido o valor patrimonial da língua portuguesa ao longo de gerações, dando como exemplo (i) volumes sobre a Inquisição, contendo lista de nomes de condenados em Espanha e Portugal; (ii) publicações acerca da história da imprensa; (iii) a Resposta, com valor para estudos sobre a história social e económica dos séculos XVII e XVIII; (iv) publicações comemorativas; (v) edições na área da musicologia (partituras de música sefardita, incluindo o repertório completo do Coral Português-Judaico Santo Servizio, ativo de 1875 a 1940); (vi) textos relevantes para o estudo do Seminário Ets Haim: “A Ets Haim integrou as tradições da escola latina e da escola talmúdica de ensino superior e conduziu o ensino de gramática, poesia e retórica, ao mesmo tempo que as matemáticas ou as belas-artes.”³⁸.

Entre 2014 e 2015, decorreu o projeto de catalogação de cerca de 200 manuscritos com texto em português e/ou espanhol da Biblioteca Ets Haim (Sinagoga Portuguesa de Amesterdão), cujos primeiros resultados foram

³⁵ KERKHOF (2018). Cf. Haim DEN BOER (1996) 38: “Uma de sus características mas notables fue, sin embargo, su gran apego a las lenguas maternas.”

³⁶ KERKHOF (2018) XXII.

³⁷ MATIAS (2004).

³⁸ MATIAS (2004) 278.

comentados por Susana Bastos Mateus³⁹: o fundo de manuscritos conserva importantes peças documentais que testemunham o vínculo mantido pelos judeus portugueses de Amesterdão com o seu passado ibérico nas dimensões linguística e cultural. De facto, no contexto da comunidade judaica de Amesterdão, na descrição sobre a herança da língua portuguesa, não passa despercebida a verbalização de expressões portuguesas no contexto religioso:

(...) hoje ainda, quando se encontram para a celebração semanal do Sabbath, muitos se cumprimentam no caminho da Sinagoga desejando-se mutuamente «boas entradas». E, ao despedirem-se, para o prolongamento do fim-de-semana saúdam com «boas festas», ao que a norma social manda responder «melhoradas». O livro das orações do rito da comunidade portuguesa de Amesterdão, recitado em cada semana, desenrola-se normalmente em hebreu mas, numa dada altura, é dita uma passagem em português. De resto, o rabi introduz as diversas componentes da celebração do Sabbath dirigindo-se aos circunstantes em português (...)⁴⁰.

Neste âmbito, importa estudar o património linguístico português no legado sefardita, não tanto para quantificar e, mediante o número, o valorizar, mas sobretudo para compreender de que modo permaneceu e subsistirá num tempo e num espaço específicos. Não dispondo de dados que permitam assegurar a hipótese, parece, pois, plausível que os descendentes de judeus sefarditas portugueses se possam entender como falantes plurilingues⁴¹ cujas memórias da sua existência enquanto falantes⁴² se encontram associadas a artefactos e ritos religiosos, mesmo se isso não significar uma capacidade efetiva de uso da língua.

3. Identidade: reconfigurações

No presente artigo, defende-se a proposta de conceber a ligação entre identidade e expressão linguística como uma relação englobante, tendo consciência de que nela está enraizada a capacidade de os sujeitos explorarem as virtualidades cognitivas de uma relação autotélica com as práticas culturais.

³⁹ MATEUS (2016).

⁴⁰ CAMPOS (2000) apud MATIAS (2004) 279, nota 8.

⁴¹ Cf. KRAMSCH (2002, 2009) quanto ao termo 'multilingual subjects'.

⁴² LANTOLF (2000); LANTOLF & THORNE (2006); KASPER & ROSE (2002).

No universo dos encontros diaspóricos, a memória afetiva e respetiva valoração simbólica é marcada pela fluidez que acompanha a interseção das pessoas, lugares, objetos e tempos, reconfigurando a identidade: “une construction permanente, elle [l’identité] est source d’ajustement, de contradictions, voire de conflits, de manipulations et de dysfonctionnements.”⁴³.

Aliada a uma conceção itinerante de cultura, a dimensão plural e compósita⁴⁴ de identidade é definida por Amin Maalouf como ‘identidade-em-viagem’⁴⁵, próxima da noção de cruzamento de paisagens que enformam as múltiplas realidades culturais constituídas “por imaginações historicamente situadas de pessoas e grupos espalhados pelo globo”⁴⁶. Tratar-se-á de uma polifonia entre a transitoriedade de territórios e as comunidades linguísticas que se estruturam nesses lugares, podendo reinterpretar-se a metáfora de ‘fronteira’ como fundamenta António Sousa Ribeiro⁴⁷ “No inverso, teríamos a ideia de que a fronteira é um *médium* de comunicação, o espaço habitável em que o eu e o outro encontram uma possibilidade de partilha e, assim, a possibilidade de dar origem a novas configurações da identidade.”

À luz da perspetiva socioconstrucionista sobre a construção discursiva das identidades, a concetualização da identidade resulta, pois, da interação, sendo produzida e negociada no discurso⁴⁸. Por um lado, os discursos materializam os meios linguísticos com os quais as identidades são construídas e negociadas; por outro, as ideologias de língua e de identidade conformam o modo como as pessoas usam os recursos linguísticos para indexar as suas identidades e avaliar o uso dos seus recursos linguísticos.

A identidade será, assim, simultaneamente uma configuração social, discursiva e narrativa circunscrita a uma sociedade situada num determinado tempo e espaço a que recorrem quer os indivíduos quer os grupos de indivíduos numa tentativa de se automearem, reclamando os espaços e as prerrogativas sociais — “how situated language choices interrelate to claims

⁴³ ABDALLAH-PRETCEILLE (1999) 15. Cf. ANDRÉ (2012) 39-70.

⁴⁴ MAALOUF (2000).

⁴⁵ MAALOUF (2005).

⁴⁶ APPADURAI (2004).

⁴⁷ SOUSA RIBEIRO (2001) 471.

⁴⁸ DAVIES & HARRÉ (1990); EDWARDS (1997); GERGEN (1994); HARRÉ & VAN LANGENHOVE (1999).

and negotiations of identities in multilingual contexts”⁴⁹. Segundo Pavlenko e Blackridge⁵⁰, na negociação de identidades, é possível distinguir três tipologias que não são imunes às circunstâncias sociais situadas no tempo: “*imposed identities* (which are not negotiable in a particular time and place), *assumed identities* (which are accepted and not negotiated), and *negotiable identities* (which are contested by groups and individuals)”.

No caso da diáspora sefardita, importa, pois, compreender o conflito dual de identidade comum, por exemplo, dos judeus portugueses de Amsterdão⁵¹, que se circunscreve na negociação de identidades: depois do processo de se ‘rejudaizarem’, tornando-se, assim, ‘ex-conversos’, sentiam-se mais próximos dos parentes forçados à conversão do que dos judeus não portugueses, não obstante serem também sefarditas; com efeito, enquanto que em casa falavam português, na escola e na imprensa o castelhano aparecia como a língua da vida intelectual⁵². Esta realidade não se limitará a este espaço geograficamente demarcado, sendo considerada a possibilidade da existência de situações similares noutros destinos e com diferentes distâncias temporais.

Ao afirmar que as biografias linguísticas e os itinerários culturais constituem repertórios pluriculturais, sendo uma fonte primária para definir a intersecção entre lugar, tempo e identidade das comunidades e indivíduos em diáspora, será necessário reconhecer a pluralidade dos repertórios daqueles que viveram e vivem num espaço diaspórico como condição para a criatividade e desenvolvimento coletivo, uma componente da cidadania como valor fundamental das suas ações sociais. Para isso, este projeto pretende explorar de forma crítica e analítica o conceito de repertórios específicos de um conjunto de comunidades discursivas distintas, aplicando três níveis de análise: documentação histórica, autorrepresentação de indivíduos e grupos, e construção hetero-discursiva na esfera pública. Se, por um lado, é importante compreender a relação entre os descendentes da diáspora em períodos de tempo

⁴⁹ PAVLENKO & BLACKRIDGE (2004) 21-22.

⁵⁰ PAVLENKO & BLACKRIDGE (2004).

⁵¹ KAPLAN (1985).

⁵² BODIAN (1997). Cf. Daniel SWETSCHINSKI (2000) que, por sua vez, centrado na dimensão social dos judeus portugueses do século xvii, em Amsterdão, alude à problemática da identidade da matriz portuguesa (ou ibérica).

distintos, por outro lado, é igualmente relevante compreender a sua relação com o centro da diáspora através da sua representação discursiva pública.

A fim de reinterpretar um passado de diáspora comum e compreender o seu efeito na Europa atual, este projeto toma um quadro teórico e metodológico abrangente que permite ligar aspetos micro e macro da realidade social através da análise de: (i) a construção da ação social em diferentes escalas de tempo-espço, (ii) as formas linguísticas e não linguísticas da atividade semiótica, e (iii) a construção conjunta das trajetórias dos atores sociais. Por conseguinte, o projeto pretende mapear os repertórios pluriculturais na matriz identitária dos descendentes dos judeus sefarditas ibéricos no passado e no presente, delinear as multi-territorialidades que caracterizam a diáspora sefardita portuguesa plurilingue e pluricultural, analisar as representações de identidade dos descendentes dos judeus sefarditas portugueses na imprensa, conferindo visibilidade à diáspora plurilingue e pluricultural da diáspora sefardita portuguesa do passado e do presente como referência para estudos de outros lugares no contexto europeu, África, Ásia e Caraíbas.

Considerações finais

Numa revisão do lugar atribuído aos judeus portugueses, cristãos-novos e 'judeus-novos' nos estudos judaicos, Feitler e Stuczynski assinalam não só a periferia a que têm sido votadas essas comunidades, mas também a sua omissão face ao predomínio das referências ao centro espanhol: "the history of medieval Portuguese Jewish communities has been often eclipsed by that of the purportedly more glamorous neighboring Spanish aljamas."⁵³.

A Biblioteca Ets Haim-Livraria Montezinos, constituída em 1616, é hoje a mais antiga biblioteca judaica ativa, tendo sido inscrita no Registo Memória do Mundo da UNESCO em 2003. Na sua coleção, bem como no arquivo da comunidade conservado nos Arquivos Municipais de Amesterdão, o português e o castelhano sobressaem como línguas correntes no quotidiano da comunidade até ao século XVIII. Curiosamente, contudo, na página oficial da UNESCO, há uma omissão do legado português:

⁵³ FEITLER & STUCZYNSKI (2018) 1.

*The European significance of the collections is reflected in their Sephardic Jewish scope. The **culture of the Sephardic Jews in Spain** was characterized by an open exchange with their initially Islamic and later Christian environment. By integrating without assimilating, **Spanish Jews** often acted as mediators in acquainting Christian Europe with the scientific achievements of the Islamic world. In this spirit, the curriculum of Ets Haim insisted on a thorough Jewish education in combination with an excellent knowledge of literature, philosophy, rhetoric and science. As such, this institute trained its students to take up leadership positions in the various Sephardic communities in Europe, America, notably in the Caribbean and New York, and North Africa. With an educational programme that combined a strong Jewish identity and a thorough knowledge of its non-Jewish environment, Ets Haim has made an important contribution to a society in which several religions coexisted peacefully⁵⁴.*

É neste cenário complexo que se justifica o estudo em que se inserem as reflexões contidas no presente texto sobre a interação de lugares, tempos, línguas e identidades plasmadas em narrativas privadas e públicas, a fluidez da diáspora em movimento, o modo como os objetos formam e transformam os falantes individual e coletivamente, bem como a revisão dos conceitos de ‘língua de herança’ e ‘identidade compósita’. Estas áreas são intrinsecamente interdisciplinares, uma vez que o ponto analítico permuta entre experiências individuais e redes de práticas entre lugares e de movimentos multiterritoriais de pessoas. Da compreensão dos discursos e das práticas culturais que constroem a noção de identidade e de pertença na diáspora sefardita portuguesa poderá também resultar um contributo para uma reflexão no âmbito da perceção sobre a reconfiguração de identidades desta diáspora, em particular, mas também de diásporas, em geral, sendo potencialmente relevante noutros contextos. Com efeito, este projeto argumenta que indivíduos em comunidades diásporas são constantemente confrontados com uma série de questões tanto práticas como existenciais: Como alcançar um sentido de harmonia sustentável enquanto se lida com as exigências profissionais e familiares nas sociedades multiculturais? Quais são as melhores estratégias e condutas para se envolver com o Outro? E como é que as narrativas contemporâneas de identidade moldam as representações de passados trágicos e heroicos, tanto pelas visões internas dos membros da diáspora como pelas representações externas das maiorias culturais? A miríade de referências e

⁵⁴ Disponível em <http://www.unesco.org/new/en/library-ets-haim-livraria-montezinos>.

significados do que significam as diásporas determinam atributos sociais, afetam os compromissos pessoais e informam as políticas culturais para a inclusão (ou exclusão) dessas comunidades.

As recentes transformações sociais na Europa são transnacionais, e as atitudes discriminatórias em relação às diferenças desafiam-nos a todos. Todos temos testemunhado a necessidade crescente de um encontro cultural pautado pelo respeito, compreensão mútua, e diálogo construtivo na Europa pluricultural de hoje, embora altamente polarizada. A investigação deve tentar responder aos desafios da diversidade e da ausência de interesse em compreender as diferenças que exigem o reforço da coesão social em sociedades inclusivas. O conhecimento do contexto histórico partilhado permite a compreensão das origens das biografias linguísticas e dos itinerários culturais dentro da diversidade europeia; assim, este projeto procura também informar a decisão política sobre o património destas comunidades que poderá alargar-se a outras. Tendo em conta que esta análise e produção de conhecimento sobre repertórios comunitários é replicável em outras diásporas, a reflexão inerente a este projeto ajuda-nos a reconhecer que, numa Europa caracterizada por uma justaposição de diferentes nações e línguas, as linhas de investigação se fundamentam na necessidade de construir um modelo de humanidade, marcado pela diversidade e pela sua história. As ligações que cada indivíduo estabelece com várias culturas e línguas significam que cada indivíduo representa uma convergência destas culturas, que é, essencialmente, pluriculturalismo. Ao examinar a história da rede humana, haverá sabedoria em parar, de vez em quando, e olhar para as coisas mediante a perspectiva de um verdadeiro ator social, por outras palavras, de pessoas.

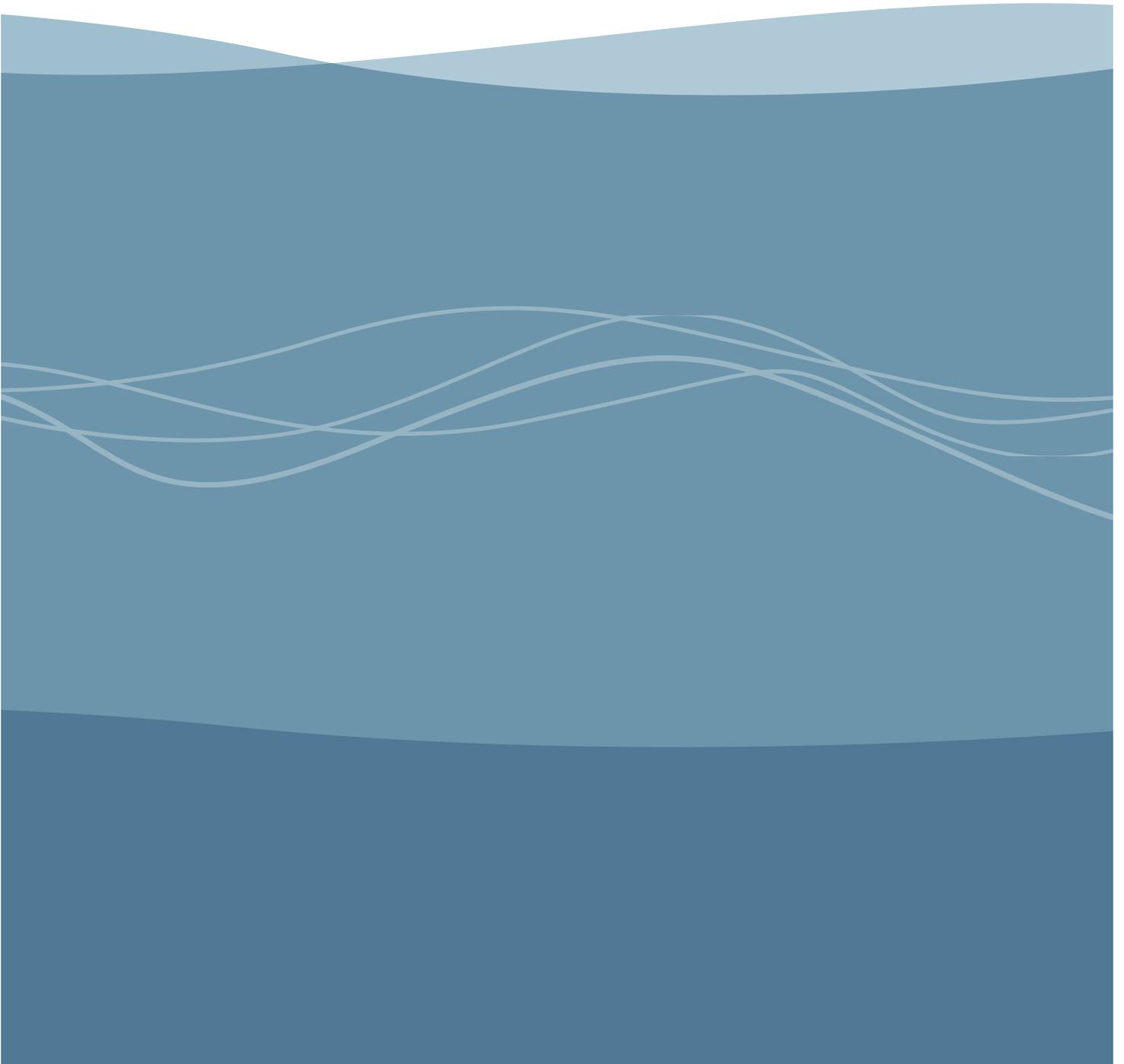
Referências bibliográficas

- ABDALLAH-PRETCEILLE, M. (1999), *L'éducation interculturelle*. Paris, PUF.
- ABDALLAH-PRETCEILLE, M. (1996), *Éducation et communication interculturelle*. Paris, PUF.
- ANDRÉ, J. M. (2012), *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem: o diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião*. Coimbra, Palimage.
- APPADURAI, A. (2004), *Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias*. Lisboa, Teorema.
- BEACCO, J.-C. & BYRAM, M. (2007), *De la diversité linguistique à l'éducation plurilingue: Guide pour l'élaboration des politiques linguistiques éducatives en Europe*. Strasbourg, Division des Politiques Linguistiques, Conseil de l'Europe. Disponível em <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=09000016802fc3ab>.
- BROWN, B. (2001), "Thing Theory": *Critical Inquiry* 28.1 (2001) 1-22.
- BLOMMAERT, J. (2010), *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge, Cambridge University Press.
- BLOMMAERT, J. (2005), *Discourse*. Cambridge, Cambridge University Press.
- BODIAN, M. (1997), *Hebrews of the Portuguese Nation: Conversos and Community in Early Modern Amsterdam*. Bloomington, Indiana University Press.
- CARVALHO, J. H. (1967), *Teoria da Linguagem*, Tomo I. Coimbra, Atlântida Editora.
- CASTELLS, (1997), *The power of identity*. Cambridge, Blackwell.
- CASTELLS, (1996), *The rise of the networked society*. Cambridge, Blackwell.
- COHEN, R. (1997), *Global diasporas. An introduction*. Seattle, University of Washington Press.
- COSTE, D., MOORE, D. & ZARATE, G. (2009), *Plurilingual and pluricultural competence*. Strasbourg, Language Policy Division. Disponível em <https://www.coe.int/en/web/language-policy/home>.
- CUMMINS, J. (2014), "Mainstreaming plurilingualism: Restructuring heritage language provision in schools": P. P. TRIFONAS & T. ARAVOSSITAS (eds.) (2014), *Rethinking heritage language education*. Cambridge, Cambridge University Press, 1-19.
- CUMMINS, J. (1983), *Heritage language education: a literature review*. Toronto, Ministry of Education. Disponível em <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED233588.pdf>.
- DAVIES, B. & HARRÉ, R. (1990), "Positioning: the discursive production of selves": *Journal for the Theory of Social Behaviour* 20.1 (1990) 43-63.
- DEN BOER, H. (1996), *La Literatura Sefardí*. Alcalá de Henares, Universidade de Alcalá.

- DÍAZ-MAS, P. (2017), “La diáspora sefardí a partir de 1492: exilados, judíos nuevos y cristianos nuevos”: Catálogo de publicaciones de la Administración General del Estado, *La Influencia Sefardí en los Estados Unidos*. Madrid, Ministerio de Economía, Industria y Competitividad, 11-34.
- DUFOIX, S. (2008), *Diasporas*. Berkeley e Los Angeles, University of California Press.
- EDWARDS, D. (1997), *Discourse and cognition*. London, Sage Publications.
- FEITLER, B. & STUCZYNSKI, C. D. (2018), “A Portuguese–Jewish Exception? A Historiographical Introduction”: B. FEITLER & C. D. STUCZYNSKI (coord.) (2018), *Portuguese Jews, New Christians, and ‘New Jews’. A Tribute to Roberto Bachmann*. Leiden e Boston, Brill, 1-28.
- FERREIRA, V. (1994), *Invocação ao meu corpo*. Lisboa, Bertrand.
- FISHMAN J. (1991), *Reversing language shift*. Clevedon, Multilingual Matters.
- GERGEN, K. J. (1994), *Realities and relationships: Soundings in social construction*. Cambridge, Harvard University Press.
- HARRÉ, R. & VAN LANGENHOVE, L. (1999), “Introducing Positioning Theory”: R. HARRÉ & L. VAN LANGENHOVE (eds.) (1999), *Positioning Theory*. Oxford, Blackwell, 14-31.
- HUERGA CRIADO, P. (2003), “Entre Castilla y los Países Bajos. Lazos familiares y relaciones personales”: J. CONTRERAS, B. J. GARCÍA & I. PULIDO (eds.), *Familia, religión y negocio. El sefardismo em las relaciones entre el mundo ibérico y los Países Bajos em la Edad Moderna*. Madrid, Fundación Carlos de Amberes-Ministerio de Asuntos Exteriores, 39-66.
- KAPLAN, Y. (2008), “The Dynamics of the Sephardi Diaspora”: Y. KAPLAN (ed.) (2008), *The Dutch intersection: the Jews and the Netherlands in modern history*. Leiden, Brill, 33-62.
- KAPLAN, Y. (1996), *Judíos nuevos en Amesterdam. Estudio sobre la historia social e intelectual del judaísmo sefardí em el siglo XVII*. Barcelona, Gedisa.
- KAPLAN, Y. (1985), “The Travels of Portuguese Jews from Amsterdam to the ‘Lands of Idolatry’ (1644-1724),”: Y. KAPLAN (ed.) (1985), *Jews and Conversos. Studies in Society and the Inquisition*. Jerusalem, The Hebrew University Magnes Press, 197–224.
- KASPER, G. & ROSE, K. (2002), *Pragmatic Development in a second language*. Malden, MA, Blackwell.
- KELLEHER A. (2010), “What is a heritage language?”: *Heritage Briefs*. Center for Applied Linguistics, 1-3. Disponível em <https://www.cal.org/resource-center/resource-archive/heritage-briefs>.
- KEMP, C. (2009), “Defining Multilingualism”: L. HARONIN & B. HUFEISEN (eds.), *The Exploration of Multilingualism*. Amsterdam, John Benjamins, 20-26.

- KERKHOF, M. P. A. M. (2018), *Livro dos Acordos da Naçam Escamot e Eleiçconis do Kahal Kados de Talmud Torah que el Dio Augmente*. Lisboa, Edição Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste.
- KRAMSCH, C. (2002) (ed.), *Language Socialization and Language Acquisition. Ecological Perspectives*. Londres, Continuum.
- KRAMSCH, C. (2009), *The Multilingual Subject*. Oxford, Oxford University Press.
- LANTOLF, J. P. (2000), *Sociocultural theory and second language learning*. Oxford, Oxford University Press.
- LANTOLF, J. P. & THORNE, S. L. (2006), *Sociocultural theory and the genesis of second language development*. Oxford, Oxford University Press.
- LYNCH, A. (2014), "The first decade of the Heritage Language Journal: A retrospective view of research on heritage languages": *Heritage Language Journal* 11.3 (2014) 224-242.
- MAALOUF, A. (2005), *Origens*. Algés, Difel.
- MAALOUF, A. (2000), *In the Name of Identity: Violence and the Need to Belong*. London, Penguin Books.
- MANDAVILLE, P. (2003), "Communication and diasporic Islam: a virtual ummah?": K. H. KARIM (ed.) (2003), *The Media of Diaspora*. Oxford, Routledge, 135-147.
- MATEUS, S. B. (2016), "Escritos da Diáspora: para uma catalogação dos manuscritos em português da Biblioteca Ets Haim / Livraria Montezinos de Amesterdão": *Cadernos de Estudos Sefarditas* 15 (2016) 43-56.
- MATIAS, M. F. (2004). "A Biblioteca Ets Haim. Do Livro ao Saber": *Cadernos de Estudos Sefarditas* 4 (2004) 269-282.
- MENDES DOS REMÉDIOS J. ([1911] versão fac-simile de 1990), *Os Judeus Portugueses em Amesterdão*. Coimbra, Editor França Amado.
- NATTINGER, J. R. & DE CARRICO, J. S. (1992), *Lexical Phrases and language Teaching*. Oxford, Oxford University Press.
- PAVLENKO, A. & BLACKRIDGE, A. (2004), "Introduction: New Theoretical Approaches to the Study of Negotiation of Identities in Multilingual Contexts": A. PAVLENKO & A. BLACKRIDGE (ed.) (2004), *Negotiation of Identities in Multilingual Contexts*. Clevedon, Multilingual Matters Ltd, 1-33.
- PAWLEY, A. & SYDER, F. (1983), "Two puzzles for linguistic theory: nativelike selection and nativelike fluency": J. RICHARDS & R. SCHMIDTS (eds.), *Language and Communication*. London, Longman, 191-226.
- POLINSKY, M. & KAGAN, O. (2007), "Heritage languages: In the "wild" and in the classroom": *Language and Linguistics Compass* 1.5 (2007) 368-395.
- SHEFFER, G. (2003), *Diaspora politics. At home abroad*. New York, Cambridge University Press.
- SOUSA RIBEIRO, A. (2001). "A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de

- fronteira”: B. S. SANTOS (org.) (2001), *Globalização, fatalidade ou utopia?* Porto, Afrontamento, 463-488.
- STUEMUND-HALÉVY, M. (2016) (ed.), *A Sefardic Pper-Pot I nteh Caribbean. History, Language, Literature and Art*. Barcelona, Tirocinio.
- STUEMUND-HALÉVY, M. (2009), “Ecos ibéricos na literatura sefardita de Hamburgo”: *Cadernos de Estudos sefarditas* 9 (2009) 223-256.
- SWETSCHINSKI, D. (2000), *Reluctant Cosmopolitans: The Portuguese Jews of Seventeenth-Century Amsterdam*. London, Littman Library of Jewish Civilization.
- SWETSCHINSKI, D. (1996), “Un refus de mémoire: Les juifs Portugais d’Amsterdam et leur passé marrane”: E. BENBASSA (ed.), *Mémoires Juives d’Espagne et du Portugal*. Paris, Publisud, 69-77.
- WILKE, C. L. (1996), “Conversion ou retour? La metamorphose du nouveau chrétien em Juif portugais dans l’imaginaire sépharade du xviiie siècle”: E. BENBASSA (ed.), *Mémoires Juives d’Espagne et du Portugal*. Paris, Publisud, 53-67.





ÁGORA

S6

Diálogos

Luso-Sefarditas

No centro do frontispício da magnífica Bíblia de Ferrara (1553), saída dos prelos do cristão-novo Duarte Pinel / Abraão Usque, encontra-se a imagem simbólica de uma nau ostentando uma esfera armilar, que se agita, em plena tempestade, no mar revolto, com o mastro da gávea quebrado, fustigada pelos fortíssimos ventos soprados pelas figuras divinas que ornamentam as margens do rosto. Foi nosso desejo, neste volume, que estes ventos do passado continuassem a dar vida, no presente, aos fecundos diálogos luso-sefarditas havidos ao longo de séculos, já não num clima tempestuoso, como no tempo em que a Bíblia foi dada à estampa, mas antes de diálogo, de reflexão e de tolerância.



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

cllc

centro de línguas, literaturas e culturas

CHS C

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE
E DA CULTURA



FCT

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia